

COMUNISTA



ORGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Numero 20 centavos

PROPRIEDADE DO GRUPO EDITOR "O COMUNISTA"



Redactor principal: J. CARLOS RATES

EDITOR: JOSÉ RODRIGUES

RUA DO CONDE DAS ALFAS, 51 7/0

TRAVESSA DA AGUA DE FLOR, 35 - LISBOA

OS FACTOS... A DECISÃO DA I. C. A CRISE DA C. G. T.

A assembleia magna do Partido Comunista Português, que se realizou nos dias 10, 11 e 12 de novembro, não foi, como era habito suceder em assembleias operarias, um congresso de tumulto, do insulto aos, de intolerancia e agressividade.

Felizmente para nós, os factos contrastadores observados nos congressos operarios de Coimbra e da Covilhã, não encontraram eco na massa comunista. O congresso comunista soube comportar-se à altura das suas responsabilidades.

Todos os congressistas, nas discussões travadas, souberam colocar a causa sagrada do proletariado, integrada na I. C., acima das suas personalidades, não enveredando tambem pelo caminho da exteriorização das formulas verbalistas e campanudas.

Todavia, um jornal houve, *A Batalha*, que aliás se comportara correctamente no relato das sessões do congresso, que afirmou e concluiu que o congresso decorrerá bem porque funcionara apenas com voto consultivo.

Não atribuímos culpas à C. G. T. — a quem compete a direção suprema de *A Batalha* — da afirmação errônea produzida, e cremos que o autor do artigo em questão, que não pode ser outro se não Cristiano Lima, não procedeu com segundas intenções.

O que não sofre dúvidas, e é documentadamente se prova com a moção Carlos Rates, é que o congresso não funcionou apenas com voto consultivo.

Que factos induziram então Cristiano Lima a formular juízos errados? Ele os enuncia:

1.º Não existem partidos comunistas autonomos, mas apenas secções dum só Partido Comunista, cujo Executivo funciona em Moscova.

Esta afirmação tem muito de verdadeira. Os principios basicos doutrinaes são fixados nos congressos internacionais e nenhuma secção nacional pode fugir ao seu cumprimento. Há de facto no Partido Comunista uma disciplina que obriga todos os seus organismos e todos os seus membros. E' ainda dessa disciplina que se trata. A Revolução Social tem de ser e deve ser um facto internacional, assim o comprehendem os comunistas. Na verdade, nós vamos contra o proletariado russo triunfante todos os capitalismos se colligam, não obstante as suas rivalidades de interesses. Consequentemente, a I. C. procura estabelecer uma simultanea unidade de acção das forças operarias, não para defesa exclusiva da Revolução russa, mas para o combate incessante e decisivo ao capitalismo internacional.

Evidentemente, os principios basicos doutrinaes não podem ser alterados por qualquer secção nacional. Mas onde está aqui a novidade? Um sindicato que participou num congresso não pode deixar de cumprir as suas resoluções até que um novo congresso as altere. Logo, a restrição notada por Cristiano Lima em materia de resolução, está perfeitamente justificada. O congresso da Secção Portuguesa não pode alterar uma resolução do congresso internacional. Nas organizações sindicallistas faz-se a mesma coisa.

No resto, a liberdade de discussão, de proposição e de resolução é ampla. E foi o que se viu no congresso quando se discutia a questão da Tática parlamentar.

Gracioso Ramos, por lapso, afirmou que a tática parlamentar tinha de ser ace to por ser um processo tatico estabelecido pelos congressos internacionais.

Carlos Rates, em nome do Comité Executivo, produziu afirmação oposta, isto é, o congresso podia aceitar ou não a tática parlamentar.

O dr. Augusto Miranda, que soube conquistar as simpatias do congresso, foi quem com mais exito combater a tática parlamentar.

Teixeira Danton, num criterio diferente, propoz a conquista dos corpos administrativos, proposta que foi aceita.

Muitos outros oradores tomaram parte na discussão deste assunto. Tudo isto prova que o congresso não funcionou apenas com voto consultivo.

2.º — A I. C. interferiu na applicação das penalidades e na nomeação da nova Comissão Central do Partido.

Quanto à primeira parte está certo. E' que não estando a Secção Portuguesa regularmente organizada, visto que só agora realizou o seu primeiro congresso, e sendo o anterior Comité nomeado pela I. C., só esta entidade tinha jurisdicção para confirmar ou desaprovar os seus actos.

Quanto à nomeação da Comissão Central, o caso foi tratado em reunião conjunta da Comissão de Pareceres e do Comité cessante, sendo aceite a proposta de Nascimento Cunha, sem que o delegado da I. C. fizesse a indicação de um só nome.

Esta é a verdade dos factos.

Não se supunha no entanto que estes esclarecimentos sirvam de qualquer modo a atenuar o caracter centralista do Partido Comunista (I. C.).

Estamos absolutamente convencidos de que esse centralismo é perfeitamente adequado às necessidades internacionais do momento.

Finalmente, Cristiano Lima insinua que as decisões dos congressos internacionais são sobremaneira influenciadas pelos camaradas russos, porque estes toem a predominancia do representaplo nos referidos congressos. Esta afirmação carece de fundamento. Temos aqui, debaixo de mão, a lista dos delegados no 4.º congresso, o ultimo realizado. Pois bem: o numero dos delegados russos não chega a somar um quinto dos delegados presentes no Congresso.

Todavia, é enorme a influencia dos camaradas russos na I. C. E' o que tem isso de estranhavel? Parece-nos que o ter efectivado uma Revolução num país com 160 milhões de almas e 22 milhões de quilometros quadrados e ter sabido manter essa Revolução durante seis annos contra a Europa inteira coligada, auxiliada ainda pela traicão manifesta dos social-democratas e pela imbecillidade e inconveniencia dos anarquistas, parece-nos que esta obra ciclopica de abnegação suprema, do competencia e de energia, reveste os seus autores duma autoridade especial. Ou não?

Lenine, Trotzky, Zinovief e os seus camaradas fizeram alguma coisa mais nestes seis annos do que todos nós, incluindo Cristiano Lima e o autor deste libello, miseros pigmeus que nada fizemos ainda.

Na I. C. mandam os russos? Pois que mande quem conquistou o direito de mandar. E' que seja o maior empenho de todos os comunistas portugueses o saber obedecer-lhes.

Antonio José de Avila

Morrva o velho Avila, autentica reliquia do antigo movimento anarquista portuguez, do tempo em que para se ser anarquista era necessaria uma grande energia moral. A Avila nunca faltou esta energia, ainda nos ultimos dias da sua vida, sabendo sempre afirmar o que era e o que pensava.

Depois das penalidades applicadas pela I. C. a alguns membros da fracção Caetano de Sousa, foi em nome da Junta Nacional das Juventudes Comunistas apresentada na 3.ª sessão do Congresso Comunista, uma declaração assinada por Antonio Monteiro, J. Pires Barreira, José Martins, José Victor de Sousa, Caetano Rodrigues Junior e Armando Ramos.

Foi em face desse documento que o delegado da I. C. tomou a seguinte decisão:

Contrariamente ás suas declarações de adesão à I. C., cinco membros da Juventude Comunista, dos quais um só nome estava suspenso pelo espaço de seis meses, acabam de solidariar-se com dois excludidos — Antonio Monteiro e Caetano de Sousa — insurgindo-se contra as decisões da I. C. e saluda a eliminação das suas filiações onde gozavam todos os seus direitos de filiados.

A I. C. denuncia aos jovens comunistas portugueses a indisciplina e a obra de divisão desses cinco indivíduos que, procurando provocar a divisão das forças comunistas, tornam-se agentes conscientes da burguezia.

A I. C. pede aos jovens trabalhadores que se não deixem arrastar por esses inimigos da I. C. e que se agrupem em volta da C. G. da Federação das Juventudes Comunistas, unico organismo reconhecido pela Internacional.

Lisboa, 12 de novembro de 1923.

O delegado da I. C. J. Humbert Drex

«A Internacional»

Apareceu no dia 3 de novembro *A Internacional*, quinzenario, orgão do Comité Executivo dos Partidarios da Internacional Sindical Vermelha.

O seu aparecimento constituiu, sem favor, um exito notavel, tornando-se necessario no 1.º numero fazer uma tiragem suplementar.

Está neste facto a melhor prova do bom acolhimento que o proletariado dispensou ao nosso colega *A Internacional*.

E' seu redactor principal o prestigio militante João Pedro dos Santos, caracter sem mancha a quem a Causa Operaria deve assinalados servicos, tendo como auxiliares e colaboradores alguns dos mais dedicados e competentes propagandistas que pelo movimento operario nacional tem transitado nos ultimos 30 annos.

Ao nosso estimado colega, a quem nos ligam tantos laços de afinidade moral e doutrinaes, desejamos prospera vida.

O Congresso de Bourges

No Congresso de Bourges manteve-se a ad-ção à I. S. V. da C. G. T. U. por 114 votos contra 220 votos dos partidarios de Berlim.

Em relação à votação do ano anterior os anarquistas ganharam mais 373 votos e os berlinistas perderam 186. Berlim perde terreno.

A *Batalha* guardou sobre este facto deoativo para o proletariado latino um prudente silencio.

Depois do M. J. de Sousa, o Santos Arranha.

A C. G. T. que ao realizar-se o Congresso de Coimbra contava 120.000 confederados, apresentou-se no Congresso da Covilhã com 80.000.

E a quanto montam hoje os seus efectivos? Não ascendem a 50.000.

Eis a obra do odio, do sectarismo, da incompetencia e do arbítrio lavado a cabo pelo anarco-sindicalismo.

Para se fazer uma idea mais completa da crise da organização sindical sob o dominio do Sousa e do Arranha, basta dizer o seguinte:

O sindicato unico da construção civil de Lisboa que contava em 1920, 13.000 filiados, não conta hoje 2.500; o sindicato unico metalurgico que contava em 1920, 6.000 filiados, não tem hoje 1.800.

Pois o Santos Arranha trambolhou! Pobre homem! E' pena porque illustrava *A Batalha* com as suas crónicas dum sabor literario requintado.

O mais curioso de tudo é que o trambolho de Santos Arranha foi preparado e effectuado por outros anarco-sindicalistas. O M. J. de Sousa tomou parte na conjura, como não podia deixar de ser. A crise, que já vinha de longa, attingiu maior acuidade com os artigos imbecis, estupidos e mentirosos do M. J. de Sousa.

Santos Arranha cobriu este amigo dos diabos, opondo-se à publicação na *Batalha* de qualquer resposta dos signatarios do manifesto *Berlim ou Moscova*?

E M. J. de Sousa, depois do servido, dirige a rasteira contra Santos Arranha.

Já o mesmo succedera no Congresso da Covilhã com a comissão organizadora do apracitado congresso.

Não ha beijo deste Judas que não leve um veneno mortal.

Foi sempre assim onde quer que exercera a sua acção.

Entretanto, o mal de que enferma a C. G. T. não está tanto nos homens como na vacuidade das directrices do organismo.

Toda a gente sente que o momento actual impõe ao proletariado o exercicio dum preponderante papel historico. Como conhece a C. G. T. esse papel? Quais são as soluções de caracter immediato — porque a Revolução é tambem immediata — que a C. G. T. apresenta para enfrentar a situação?

Em familia, em conversa amena, os anarco-sindicalistas mais categorizados concordam que a ditadura do proletariado é inevitavel, que não ha outra fórmula para fazer face a todas as dificuldades do momento, para dominar a guerra civil que é sempre inerente a uma Revolução de caracter social.

Mas se assim pensam, se assim o sentem em consciencia, porque o não confessam, porque o não divulgam? Para que manter por mais tempo esta luta intima entre o que se sente e o que se é obrigado a dizer?

Está nesta razão suprema a causa da crise da C. G. T., que é, actualmente, um organismo sem directrices e por isso mesmo sujeito neste momento de luta intensa a contradicções e hesitações.

A unica parte dos anarco-sindicalistas que toem papel dirigente e activo na C. G. T. é constituída por individuos sinceramente dedicados à causa da Revolução proletariana.

Que eles pensem na situação que lhes está reservada amanhã — o de terem de aceitar um facto inevitavel a que as suas afirmações publicas de todos os dias negavam efficacia.

Encarar desde já o problema, pondere o com absoluta sinceridade, é resolver a crise da C. G. T. e isso interessa a todos, por muito que supunham que rejubilamos com o espectaculo duma C. G. T. desordenada e andmicos como ela está.

Certamente, nós não esperamos que os dirigentes da C. G. T. encarem o problema da ditadura do proletariado de mesmo modo como o encara e define o P. C. P.

Não importa. Nós justificaremos depois o nosso ponto de vista.

E' agora secretario da C. G. T. Manuel da Silva Campos, que tem sobre Sousa e Arranha a vantagem de não ser um sectario.

Que Deus os leve!...

admirações alexandrinhas publicadas na Batalha.

Estamos d'aqui a vêr a cara de tedio de Mario Domingues e do Cristiano Lima, que já leram Junqueiro, Quintal e Billac, ao ouvirem o interminavel poema do Fontes.

Este diabo quis-nos impingir à força a audição do seu poema. E nós que já tinhamos lido uma coisa comparavel, o famoso projecto do Organismo Social do não menos famoso leader sindicalista Joaquim Charroco, desta vez resistimos heroica e galhardamente, impondo-lhe, ditatorialmente é claro, que fosse... ler a outro.

Preferimos tudo... Que ele nos chame mau e traicoeiro ditador um milhão de vezes, mas lá a leitura do poema, isso não.

Tenham paciencia os da *Batalha*. Gramem no. E faremos a possivel diligencia de expedir para lá, em grande velocidade, todos os Fontes e os Caetano que por cá apparecem.

Publicação de teses

O P. C. P. vai publicar em folheto as teses aprovadas no Congresso Comunista, com as alterações que lhe foram introduzidas.

Depois do M. J. de Sousa, o Santos Arranha.

A C. G. T. que ao realizar-se o Congresso de Coimbra contava 120.000 confederados, apresentou-se no Congresso da Covilhã com 80.000.

E a quanto montam hoje os seus efectivos? Não ascendem a 50.000.

Eis a obra do odio, do sectarismo, da incompetencia e do arbítrio lavado a cabo pelo anarco-sindicalismo.

Para se fazer uma idea mais completa da crise da organização sindical sob o dominio do Sousa e do Arranha, basta dizer o seguinte:

O sindicato unico da construção civil de Lisboa que contava em 1920, 13.000 filiados, não conta hoje 2.500; o sindicato unico metalurgico que contava em 1920, 6.000 filiados, não tem hoje 1.800.

Pois o Santos Arranha trambolhou! Pobre homem! E' pena porque illustrava *A Batalha* com as suas crónicas dum sabor literario requintado.

O mais curioso de tudo é que o trambolho de Santos Arranha foi preparado e effectuado por outros anarco-sindicalistas. O M. J. de Sousa tomou parte na conjura, como não podia deixar de ser. A crise, que já vinha de longa, attingiu maior acuidade com os artigos imbecis, estupidos e mentirosos do M. J. de Sousa.

Santos Arranha cobriu este amigo dos diabos, opondo-se à publicação na *Batalha* de qualquer resposta dos signatarios do manifesto *Berlim ou Moscova*?

E M. J. de Sousa, depois do servido, dirige a rasteira contra Santos Arranha.

Já o mesmo succedera no Congresso da Covilhã com a comissão organizadora do apracitado congresso.

Não ha beijo deste Judas que não leve um veneno mortal.

Foi sempre assim onde quer que exercera a sua acção.

Sessão preparatória

Aprova-se o parecer da comissão de mandatos e o regulamento do Congresso

No Centro Socialista de Lisboa, teve lugar no dia 10 de novembro, pelas 21 horas, a sessão preparatória, presidida por J. Carlos Rates, secretário por Augusto Utra Machado e Abel Pereira.

Estavam representadas 27 comunas por 88 delegados e duas representações individuais.

Pela mesa foi proposta a seguinte comissão de pareceres: Antonio Rodrigues Graça, dr. Augusto Miranda, Francisco Pereira de Sousa, Francisco Rodrigues Loureiro, Joaquim L. de Carvalho, Carlos d'Araujo, Manuel de Azevedo, Salvaterra Junior e Adão Duarte. Aprovado por unanimidade. Em seguida foi suspensa a sessão até ser presente o parecer sobre mandatos e o menor protesto.

Hora e meia depois a comissão apresentou o seu parecer que considera válidos todos os mandatos, dando voto consultivo aos delegados Antonio Monteiro e José Pires Barreira e a delegação da Juventude Comunista e recusando a admissão de Castano de Sousa. E' aprovado sem o menor protesto. Entra em seguida em discussão o regulamento do Congresso, no qual a Comissão de Pareceres propõe que aos delegados da provincia seja concedido apenas um voto.

Falam sobre o Regulamento os camaradas José Corvo, que se manifesta contra o voto individual; José de Sousa que defende o proporcional; José Sebastião Trindade, que pede explicação sobre os direitos dos delegados da provincia; Antonio Monteiro que defende também o voto proporcional; Joaquim Godinho que defende o voto por comuna; Bernardino dos Santos, Pires Barreira, José de Sousa e Joaquim Godinho, fazem considerações sobre a materia em discussão.

Carlos d'Araujo lê a decisão da I. C. sobre a parte jurídica do funcionamento do Congresso.

José de Jesus Gabriel, requer que seja dada a materia por discussão, com a aprovação do regulamento, como fora primitivamente redigido. Este requerimento é aprovado e o presidente da mesa encerra a sessão.

1.ª SESSÃO

Aprova-se varias saudações e o relatório do Comité Executivo

A primeira sessão ordinaria tem lugar no Sindicato dos Arsenalistas da Marinha às 18 horas do dia 11. Preside o dr. Sobral de Campos, secretário por A. Vieira Bastos, da Federação Comunal de Lisboa e José Santos Chicharro, da Comuna de Beja.

Sobral de Campos proferiu um belo discurso de incentivo ao trabalho produtivo, expandindo-se em considerações sobre o momento social que passa, referindo-se especialmente à situação da Russia e da Alemanha.

São lidas saudações de Francisco Antonio Moreno, de Beja; de David Fernandes Cruz, de Coimbra; de Américo Mesquita, Eduardo Peixoto, José Manuel Oliveira, Antonio Nunes Bastista, Antonio Moreira Costa, Ludovico Príncipe, Jacinto Cardoso, Antonio Cardoso, José Teixeira, Rodrigo Ribeiro, Ernesto Alves, Manuel Ferreira Cardoso e Josias Nogueira dos Santos, do Porto.

Antonio Monteiro pede ao Congresso para poder usar da palavra em nome da Junta Nacional da Juventude Comunista. J. Carlos Rates, em nome do Comité Executivo, pronuncia-se favoravelmente. O Congresso autoriza.

Artur Vieira Bastos envia para a mesa uma saudação à I. S. V.; Armando Martins envia para a mesa duas saudações: uma às vítimas do atual sistema social, sem distincção de tendencia e ao proletariado revolucionario de todo o mundo; outra de saudação à C. G. T. fazendo votos pela unidade operaria. Estas saudações são também assinadas por Carlos de Araujo.

José de Sousa ocupa-se dos prezos por questões sociais e propõe o inicio duma forte campanha no sentido da sua libertação, devendo convidar-se a tomar parte nesta acção, a C. G. T. e o P. S. P. Bernardino dos Santos adita que seja convidado também a cooperar o C. E. dos Partidarios da I. S. V.

José de Jesus Gabriel, Julio de Matos, Sobral de Campos, Graciano Ramos, Pires Barreira e Teixeira Danton ocupam-se do mesmo assunto. Teixeira Danton propõe que as saudações

O CONGRESSO COMUNISTA

Reuniu 88 Comunas e 118 delegados de Lisboa e provincia. — Algumas teses sofrem viva discussão e importantes modificações. — Um importante discurso de Humbert Droz, o delegado da I. C. — A eleição da Comissão Central.

enviadas para a mesa sejam aprovadas por unanimidade. Aprovado. José Carlos Rates lê o relatório do Comité Executivo.

Não tendo ninguém pedir a palavra sobre este documento foi aprovado por unanimidade.

APROVA-SE A Tese 'Organização partidária'

Carlos d'Araujo, em nome da Comissão de Pareceres, faz referencia à tese, lembrando, bem como José Sebastião Trindade, da Comuna de Evora, a necessidade da criação duma Caixa de Solidariedade.

No capítulo Estatuto do Partido o art. 2.º é assim alterado:

Art. 2.º - O Partido é dirigido superiormente por uma Comissão Central eleita em congresso ou conferencia partidária e é composta de 9 membros, a saber: um secretario geral, um secretario interno, um secretario exterior, um secretario arquidiocesano, um tesoureiro e 4 vogais, sendo um destes do Norte e outro do Sul.

Os artigos 1.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º e 7.º são aprovados sem discussão.

O art. 8.º é longamente discutido pelos congressistas: Antonio Rodrigues Graça, dr. Augusto Miranda, Joaquim Godinho, Teixeira Danton, José Martins, Abel Pereira, José de Jesus Gabriel, J. Carlos Rates, Antonio Garcia, Faustino Bretes, Julio Dias Afonso e Santos Chicharro, sendo por fim aprovado com a redacção primitiva.

Armando Martins propõe que as teses sejam apenas defendidas pelos relatores mais habilitados para essa effeito do que a Comissão de Pareceres. E' aprovado, depois de explicações dadas por Carlos d'Araujo e J. Carlos Rates.

O art. 9.º do Estatuto do Partido é convertido em §. do art. 8.º e é aprovado sem discussão.

Entra em seguida em discussão o capítulo Estatutos tipo das Comunas. Os artigos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º são aprovados sem discussão. O art. 5.º fica com a seguinte redacção:

Art. 5.º - Podem fazer parte do Partido todos os indivíduos maiores de 18 anos que acceitam a doutrina aprovada nos congressos nacionais e que tenham um modo de vida definido e regular.

O art. 6.º é aprovado sem discussão. O art. 7.º é modificado:

Art. 7.º - As adesões serão feitas por proposta assinada pelo proprio ou roga, quando não saiba ler e escrever e por um antigo membro do Partido e a adação só pode tornar-se valida depois de aprovada pela Comissão Central.

O art. 11.º fica assim redigido:

Art. 11.º - De cobrança bruta das Comunas, caberá 90 % à Federação Comunal e 10 % à Comissão Central do Partido. Quando na região não exista ainda Federação Comunal compete esta percentagem à C. G. T. do Partido que lhe dará a applicação que julgar conveniente.

Entra em discussão o capítulo Federações Comunistas, que fica assim redigido:

Artigo 1.º - Logo que o desenvolvimento do partido o permitirão ir-se-hão constituindo as Federações de Comunas. Em Lisboa serão 16 creadas as primeiras que permitem a constituição da primeira Federação Comunal.

Art. 2.º - As federações comunais excepto as de Lisboa e Porto, são constituídas da seguinte forma: a) Por tres ou cinco delegados da comuna sede; b) Por um delegado directo ou indirecto, de cada comuna localisada fora da sede da Federação Comunal.

Art. 3.º - Nas cidades de Lisboa e Porto, onde existirem do futuro, quanto ao Porto, onde existirem presentemente, quanto a Lisboa, mais do que uma comuna, as Federações serão constituídas por um ou mais delegados directos de cada comuna com sede nas cidades referidas, e por um delegado directo ou indirecto de cada comuna de fora destas cidades.

Art. 4.º - Não são admissiveis as Federações de Comunas. A pratica e as possibilidades de organização serão o mais seguro indicador da divisão a estabelecer. Art. 5.º - As Federações Comunistas serão dirigidas por uma comissão administrativa de 3 a 5 membros com as atribuições normais das comissões similares.

Art. 6.º - As Federações Comunistas são organizadas pela Comissão Central do Partido que terá as atribuições e as necessidades especiais de cada região.

Art. 7.º - As decisões da Federação Comunal não dependem do conselho federal. O conselho federal tem no entanto o direito de proposição. Em caso de conflito entre a comissão executiva e o conselho federal, resolve a Comissão Central do Partido.

Art. 8.º - As Federações Comunistas poderão promover conferencias regionais para estudo do assunto da região. Todas as resoluções tomadas, porém, de ser sancionadas pela Comissão Central do Partido e as conferencias assistidas por delegados seus.

Art. 9.º - As Federações Comunistas competem:

a) Coordenar e estimular a acção das comunas aderentes.

b) Velar junto das comunas pela observancia das decisões dos congressos partidarios e pelas indicações da Comissão Central do Partido.

c) Elaburar estatísticas sobre assuntos sindicais, economicos, etc., e prestar à Comissão Central do Partido quaisquer outros esclarecimentos uteis à sua acção.

Art. 10.º - As Federações Comunistas poderão nomear commissões especiais para estudos e acções subsidiarias.

Finalmente, Sobral de Campos lê uma saudação ao Sindicato do Fossol do Arsenal de Marinha, que é aprovada por aclamação.

E assim se encerra a primeira sessão ordinaria do congresso.

2.ª SESSÃO

Aprova-se a tese 'Definição de principios'

A 2.ª sessão tem lugar no Centro Socialista de Lisboa, pelas 21 horas do dia 11. Preside Raul Batista, secretário por Armando Martins, da Comuna Karl Marx, e Aurelio da Cunha Cruz, da Comuna do Forno. A chamada conta a presença de 83 comunas.

O relator, J. Carlos Rates, lê a 2.ª 'Definição de principios', artigo por artigo.

Ninguém pede a palavra e a tese é aprovada por unanimidade.

Inicia-se a discussão da tese 'Programa de acção', que sofre largo debate

Falando sobre o preambulo, Bernardino dos Santos propõe a reinvidicação do dia de 6 horas de trabalho, afirmando que esta jornada de trabalho é suficiente para uma produção conforme as necessidades de consumo.

J. Carlos Rates diz que no estado actual da produção a afirmação de Bernardino Santos é absolutamente gratuita. Não só em Portugal, como duma maneira geral em todos os países afectados pela guerra, a produção baixou para 80 % do que era antes da guerra. Nós importavamos antes da guerra, em 1912, 2.600.000 toneladas de mercadorias, de que a maior parte era constituída por materias primas para a industria. Essa importação baixou, em 1920, para 1.400.000 toneladas. Tendo-se importado menos materias primas a produção industrial baixou na mesma proporção. A nossa exportação, que foi, em 1912, de 1.400.000 toneladas de mercadorias, não excedeu, em 1920, a 900.000 toneladas. Se assim é na produção industrial, não vê que na produção agricola o caso seja diferente. O deficit médio-anual em trigo foi de 92.000.000 quilogramas no decennio 1905-1914. No ultimo quinquennio, 1919-1922, a importação de trigo exotico atinge uma cifra proxima de 200.000.000 quilogramas.

A desacumulação dos capitais, causa do abaxamento da produção

Este facto palpavel e evidente do abaximento da produção, affilia-se, entre outras causas de importancia secundaria, num fenomeno inteiramente novo depois do surgimento do capitalismo. Esse fenomeno chama-se a desacumulação dos capitais. Com a guerra todos os países da Europa angos-

ram as suas reservas, e não só isso, comprometeram também as suas reservas futuras, endividando-se. E assim se manifestou uma depressão imediata do poder de compra em todos os mercados. O material industrial e de transportes não foi renovado convenientemente e menos ainda accrescido. Baixando o numero de máquinas e de utensilios de produção esta tinha fatalmente de baixar também. Não ha acumulação de capitais. A acumulação de capitais não é o mesmo que a concentração de capitais. Quando as pequenas empresas se juntam no cartol ou no truste opera-se uma concentração de capitais; quando se constitue uma sociedade por quotas ou acções em que muitos individuos participam, ha ainda uma concentração de capitais. A acumulação de capitais deriva dos lucros da exploração do trabalho ou do commercio. A' diferença de preços entre o custo do produto ao industrial (materias e mão de obra) e a venda desse mesmo produto chama-se, em economia marxista, a mais valia. Desta mais valia o industrial para certos encargos — os impostos e gastos gerais, e o resto fica-lhe para os seus gastos e gosos pessoais e ainda uma parte era empregada em novas empresas de exploração ou no alargamento e melhoramento das empresas existentes. Falando duma maneira geral este fenomeno não se realisa hoje, já porque, na incerteza do dia de amanhã, toda a mais valia é absorvida pelos gosos dos empresarios, já porque as necessidades do capital mobiliario são cada vez maiores em consequencia da elevação geral dos preços das cousas, já porque os encargos das industrias toem também aumentado. Acresce a tudo isto, em Portugal, um outro facto — a desconfiança. O ouro emigra para mercados bancarios que oferecem mais garantias de segurança. Não é segredo que ha importantes depositos de portugueses nos bancos de Londres. Eis como se verifica a desacumulação dos capitais nas empresas de produção, o que origina a redução do seu poder e capacidade produtiva.

As gerações actuais vão crear um mundo novo de que só gozarão o beneficio espiritual

Não pôe em duvida admitir a reinvidicação da jornada de trabalho num futuro que vê ainda distante. A passagem do capitalismo para o comunismo não se opera com essa facilidade que tanta gente julga e é perigoso crear ilusões e fazer promessas irrealizaveis. As gerações actuais que vão assistir ao acto revolucionario são gerações sacrificadas. Elas vão crear um mundo novo de que não colherão senão o prazo: espiritual. Os beneficios materiais a outras gerações caberá colher.

A situação actual só resolve exigindo sacrificios ao trabalho e ao consumo.

Eu sei que se conta com um rapido emprego da maquinaria para suprir as deficiencias do trabalho manual. Simplemente, é preciso vêr que as máquinas não existem já prontas e espera-se que adias também possuam. E de resto o trabalho de concentração das industrias e da renovação de seu material é dos processos de produção não apparece feito com a simples publicação dum decreto. Não devemos ter grandes ilusões sobre os efectos das leis. Para que a Revolução transparesse nos factos é indispensavel que ela se opere previamente na consciencia duma minoria audaciosa e activa, disposta a ir até ao fim, aproveitando o estado de decomposição do capitalismo.

Adriano José Neto, da Comuna de S. Mateus, faz uma bela exposição de que é o trabalho nos campos e dista estar convicção que num regime novo de trabalho a produção agricola aumentará muito.

Graciano Alves de Abreu, defende os interesses do trabalho agricola; Antonio Rodrigues Graça e Alberto Monteiro expõem as condições em que defendem a jornada de 6 horas de trabalho, sendo o ultimo apresentando uma proposta nesse sentido.

Manuel Martins condena a propaganda errônea que se tem feito nos campos, prometendo-se o irrealizavel. Faz uma larga dissertação da maneira como entende que deve ser conduzida a propaganda entre os rurais, assunto que prende as atenções do congresso.

Santos Peseiro, da Comuna da Ribeira Branca, apresenta a seguinte proposta:

Manuel Martins condena a propaganda errônea que se tem feito nos campos, prometendo-se o irrealizavel. Faz uma larga dissertação da maneira como entende que deve ser conduzida a propaganda entre os rurais, assunto que prende as atenções do congresso.

Santos Peseiro, da Comuna da Ribeira Branca, apresenta a seguinte proposta:

Manuel Martins condena a propaganda errônea que se tem feito nos campos, prometendo-se o irrealizavel. Faz uma larga dissertação da maneira como entende que deve ser conduzida a propaganda entre os rurais, assunto que prende as atenções do congresso.

Santos Peseiro, da Comuna da Ribeira Branca, apresenta a seguinte proposta:

Manuel Martins condena a propaganda errônea que se tem feito nos campos, prometendo-se o irrealizavel. Faz uma larga dissertação da maneira como entende que deve ser conduzida a propaganda entre os rurais, assunto que prende as atenções do congresso.

Santos Peseiro, da Comuna da Ribeira Branca, apresenta a seguinte proposta:

Manuel Martins condena a propaganda errônea que se tem feito nos campos, prometendo-se o irrealizavel. Faz uma larga dissertação da maneira como entende que deve ser conduzida a propaganda entre os rurais, assunto que prende as atenções do congresso.

Santos Peseiro, da Comuna da Ribeira Branca, apresenta a seguinte proposta:

seculo XIX, o Sindicato dos Sindicatos reduzidas a um terço de Lisboa. Com a revolução a sua identidade. Ao fim de um ano, a industria e a sua produção foram reduzidas a 70% do que era naquele infeliz ano. Se agora, no 5.º ano de gestão do Estado proletario, a produção vai retomando um curso favoravel. Ha industrias que aossem em 1922 um aumento de 112 e 92 % sobre a produção do ano anterior.

Não ha comunismo sem a resolução do problema da super-produção

Não cremos ilusões perigosas. A restrictão da jornada de trabalho é uma aspiração fundamental do comunismo. Mas o comunismo, não se esqueça, só é possível depois da resolução duma outra questão prévia, que é a atingir o estado de super-produção. O capitalismo não o pôde resolver porque a sua capacidade produtiva regula-se pela capacidade de compra que se manifesta nos mercados e não pelas necessidades que existem. Eis porque o capitalismo tendo realizado enormes progressos no modo de ser da produção, está hoje impotente para resolver a crise que o assombra e condenado a um desaparecimento certo. O comunismo, para virar como sistema completo, tem não só que socializar os meios de produção, como eliminar a concorrência e as barreiras fiscaes e crear uma economia unica. Isto não se consegue sem uma luta feroz contra todas as sobrevivencias do regimen burgues, com o triunfo internacional do proletariado, sem que isto se compenetre a necessidade de adotar uma disciplina de ferro para seu uso, sem que se façam, como já disse, sacrificios ao trabalho e ao consumo.

Cada um irá para a Revolução com as suas responsabilidades que assumir e o Partido Comunista não imitará o Partido Republicano, prometendo o pão e o bacalhão a preços infimos.

Defende-se a conquista do maior salario

Carlos Marques, Manuel de Azevedo, L. Carvalho, Bernardino dos Santos, Castano Rodrigues Junior, Junior, Francisco José Chagas e José Martins expõem opiniões pró e contra a restrictão da jornada de trabalho e do aumento dos salarios.

J. Carlos Rates diz que é verdade o aumento do salario infime no maior custo dos produtos, mas é preciso vêr que o pedido do maior salario apparece sempre como uma consequencia da elevação geral dos preços determinada por outros factores — a desvalorização da moeda, a politica fiscal do Estado, a carestia dos fretes, a especulação mercantil, etc. O operariado não tem ao seu alcance outra arma para tentar o equilibrio entre salarios e preços. A politica do P. C. é orientada no sentido de apoiar as reclamações do maior salario e de pagar até pelo estabelecimento do salario minimo e do salario real ou salario mercadoria.

Castano Junior propõe que se reivindicue a jornada de 6 horas para os moços de 18 anos. J. Carlos Rates acolhe esta reivindicção e acrescenta que para certas industrias chamadas toxicas e de trabalho violento é de fensavel o mesmo criterio.

José de Silva Oliveira diz que em regime burgues é de opinão que se reivindicue a jornada minima de trabalho no sentido de apressar a decomposição do capitalismo. Quando, porém, o operariado se o senhor dos seus destinos isto deve dar o maximo do esforço no sentido de aumentar a produção.

Adriano José Neto, da Comuna de S. Mateus, faz uma bela exposição de que é o trabalho nos campos e dista estar convicção que num regime novo de trabalho a produção agricola aumentará muito.

Graciano Alves de Abreu, defende os interesses do trabalho agricola; Antonio Rodrigues Graça e Alberto Monteiro expõem as condições em que defendem a jornada de 6 horas de trabalho, sendo o ultimo apresentando uma proposta nesse sentido.

Manuel Martins condena a propaganda errônea que se tem feito nos campos, prometendo-se o irrealizavel. Faz uma larga dissertação da maneira como entende que deve ser conduzida a propaganda entre os rurais, assunto que prende as atenções do congresso.

Santos Peseiro, da Comuna da Ribeira Branca, apresenta a seguinte proposta:

Manuel Martins condena a propaganda errônea que se tem feito nos campos, prometendo-se o irrealizavel. Faz uma larga dissertação da maneira como entende que deve ser conduzida a propaganda entre os rurais, assunto que prende as atenções do congresso.

Santos Peseiro, da Comuna da Ribeira Branca, apresenta a seguinte proposta:

Manuel Martins condena a propaganda errônea que se tem feito nos campos, prometendo-se o irrealizavel. Faz uma larga dissertação da maneira como entende que deve ser conduzida a propaganda entre os rurais, assunto que prende as atenções do congresso.

Santos Peseiro, da Comuna da Ribeira Branca, apresenta a seguinte proposta:

Manuel Martins condena a propaganda errônea que se tem feito nos campos, prometendo-se o irrealizavel. Faz uma larga dissertação da maneira como entende que deve ser conduzida a propaganda entre os rurais, assunto que prende as atenções do congresso.

Santos Peseiro, da Comuna da Ribeira Branca, apresenta a seguinte proposta:

Manuel Martins condena a propaganda errônea que se tem feito nos campos, prometendo-se o irrealizavel. Faz uma larga dissertação da maneira como entende que deve ser conduzida a propaganda entre os rurais, assunto que prende as atenções do congresso.

Estando em vigor a lei das 8 horas de trabalho...

Julio Calcinhas requer que se dê a materia de presbital de disculpa...

Antonio Rodrigues Braga apresenta declaração de voto...

É lido o capítulo Conselho de Federação de Oficinas...

J. Carlos Ratos apresenta o seguinte acrescentamento:

Os conselhos de fabricas e de officios viciam principalmente o estabelecimento do exercicio da produção...

O capítulo é aprovado sem mais discussões...

A attitudão do Partido Comunista para com a organização sindical

Antonio Garcia, da Comuna de Tomar, diz que não há mangra de esperar o operariado...

J. Carlos Ratos replica que, normalmente, todo o individuo com um membro...

Joaquim Cardoso analisa e censura os processos do anarco-sindicalismo nos sindicatos...

Antonio Monteiro proclama um interessante e curioso discurso sobre o procedimento...

Sobral de Campos e José Sebastião Trindade expõem o incidente qual deve ser a attitudão dos comunistas...

Joaquim Godin requer que seja dada a materia por disculpa...

3.º sessão

Proseguo a discussão da tese "Programa de accção"

Tem lugar esta sessão no Centro Socialista de Lisboa, pelas 14 horas de dia 12, Preside José de Jesus Garcia...

J. Carlos Ratos apresenta o seguinte proposta:

O Congresso considera indispensavel para a accção partidária a desvinculação a a desvinculação...

É lido o capítulo A attitudão do P. C. para com as outras frações do proletariado...

O F. C. dará todo o seu apoio ás ligas e associações que trabalam por defender a população...

O capítulo Accção cooperativista é amplamente discutido pelo congressista Antonio Rodrigues Braga...

Acollta-se a tática parlamentar e a conquista dos corpos administrativos

O F. C. dará todo o seu apoio ás ligas e associações que trabalam por defender a população...

O capítulo Accção cooperativista é amplamente discutido pelo congressista Antonio Rodrigues Braga...

Acollta-se a tática parlamentar e a conquista dos corpos administrativos

O capítulo O. P. C. e as instituições burguesas entra em discussão.

Augusto Miranda combate com vehemencia a accitação de tática parlamentar...

Abel Pereira faz uma expozição de que deve ser a accção parlamentar...

Manuel de Azevedo diz que é preciso vigiar os eleitos para que não se desviem...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Teixeira Danton diz que, mais do que a luta parlamentar...

Discute-se a tese O governo dos operarios e dos camponeses

Entre em discussão a tese O governo dos operarios e dos camponeses

Antonio Rodrigues Braga propõe emenda de redacção, sobretudo na parte respeitante ao auxilio a prestar às cooperativas...

Gregorio Alves de Abreu, Joaquim Cardoso e Bernardino dos Santos concordam com a doutrina...

Santos Poggiore apresenta a seguinte proposta:

Considerando que os governos burgueses não tem cuidado como deviam do problema da instrução...

Considerando que a humanidade caminhará victoriosa...

Além disso em vigor, o Parlamento sempre emitiu leis...

Mas a Rússia proletaria não se contentará só na defesa do Revoluçáo alemã...

Nesta grande mobilização mundial da forpa operaria...

O vosso partido tem tambem em Portugal uma grande tarefa a levar a cabo...

Dereis de discutir com e contra, não abstractamente...

Aos anarco-sindicalistas fareis compreender, citando o exemplo...

Logo que seja derrubado o poder burgues é necessario criar o poder revolucionario...

Experiencia da luta de classes, das greves, ensinam-nos...

Favoreo ressaltar estas experiencias congnitivas...

O que se deve dizer aos socialis-democratas

Tendes ainda em Portugal o Partido Socialista...

O que se deve dizer aos socialis-democratas

Tendes ainda em Portugal o Partido Socialista...

O que se deve dizer aos socialis-democratas

Tendes ainda em Portugal o Partido Socialista...

O que se deve dizer aos socialis-democratas

Tendes ainda em Portugal o Partido Socialista...

O que se deve dizer aos socialis-democratas

Tendes ainda em Portugal o Partido Socialista...

O que se deve dizer aos socialis-democratas

Tendes ainda em Portugal o Partido Socialista...

que a lei actual revolucionaria da 4ª sessão se applique...

A International é um Conselho Internacional...

Para fazer esse trabalho de propaganda, tem o vosso partido...

A International, quando se agirem feitorias para substituir a crise...

De a International deve agora procurar fazer um novo compromisso...

Por isso, a International, inspirando-se no interesse do partido...

Se oses camaradas se submeterem a International...

Este primeiro congresso do vosso partido no qual verifico...

Ella lutará, estreitamente unida de outras secções...

A assembleia, de pé, aplaude entusiasticamente o delegado da I. O. que retirou logo...

Fala Conselho de Proceuros, Antonio Rodrigues Braga...

Sanções disciplinares

A intervenção da International Comunista no crise interior do partido...

Para que o partido não se desintegre...

Esperamos a International que o trabalho de elaboração...

Ho entanto, tinha a International opiniões divergentes...

Porque os membros do Partido, a qualquer das fraccões...

Porque oses factos se degradavam, não se teriam...

Ho entanto, tinha a International opiniões divergentes...

Porque oses factos se degradavam, não se teriam...

Ho entanto, tinha a International opiniões divergentes...

Porque oses factos se degradavam, não se teriam...

Ho entanto, tinha a International opiniões divergentes...

Porque oses factos se degradavam, não se teriam...

Ho entanto, tinha a International opiniões divergentes...



Propaganda comunista

um volumoso relatório acerca do conflito de Fátima.

Além disso, dois dos membros da mesma facção, renovaram, ao Comité e ao representação da Internacional, as suas propostas de alteração de estatutos, para o Partido, visando assim a substituição da mais elementar confiança necessária à existência dum partido.

A situação Internacional, dominada pela emergência da Revolução Proletária na Alemanha, e a situação muito favorável ao desenvolvimento do Comunismo em Portugal, colocam o Partido na necessidade imperiosa de trabalhar de intensidade e sua propaganda, levando-a aos sindicatos e a camadas entre os trabalhadores das cidades e das zonas.

Paralelamente por questões internas, o Partido precisa incessantemente de cumprir os deveres que lhe impõe o facto de ser uma secção da Internacional Comunista em Portugal. Ora, nestas condições, persistir numa tentativa de manter as velhas formas de trabalho comunitário, a constituição das discussões periódicas e das discórdias, desgostando assim os melhores militantes, desorientando perante as massas todo o Partido Comunista e paralisando, portanto, a sua acção.

Durante o desenvolvimento da crise e no face da última experiência feita a Internacional Comunista adquiriu a concepção de que Castano de Sousa—tendo sem dúvida episódios comunistas—tem, no entanto, um carácter tão especial que o torna apenas susceptível de desorganizar e desorganizar o Partido, limitando ao máximo a manutenção das suas ideias dentro dos limites da mais elementar disciplina partidária.

Esta concepção foi confirmada pela decisão da minoria sindical que se recusou terminantemente a aceitar no seu sócio Castano de Sousa, por causa da sua actividade dissidente.

Consequentemente, entende a Internacional Comunista que a intervenção do Partido, no âmbito do afastamento definitivo ou temporário, conforme os casos, dos elementos dissidentes que formam a facção Sousa é:

— Resolver, portanto, fazer as declarações seguintes, pedindo ao Congresso a sua confirmação:

— Que Castano de Sousa e António Monteiro.

— Resolva ainda a Internacional Comunista suspender, até ao próximo Congresso, os seguintes camaradas:

— Henrique Fernandes, Americo Antelo e António Aires.

— Que a facção de Internacional Comunista, fundada pelo espaço de 6 meses, os seguintes camaradas:

— José Pires Barreira, José de Sousa, Apolário de Azevedo, Domingos Ferreira Fontes e Aníbal Barbosa Cardoso.

Os camaradas temporariamente suspensos só poderão voltar a entrar no Partido, se apresentarem todas as razões para a exclusão, comprometendo-se a pôr termo ao seu trabalho de divisão e a consagrar-se ao trabalho construtivo do Partido.

Os outros camaradas da facção dissidente só poderão voltar a fazer parte da sua facção se a maioria dos membros da facção, depois de terem ouvido o parecer da comissão de disciplina, puderem assegurar que os seus membros não se comprometem a qualquer possibilidade de entrar no Partido.

« Vale muitas vezes mais uma sessão de que uma situação confusa, que entrava e desenvolvia doutrinas, técnicas e rotinas, e a Internacional Comunista, pelo seu Comité Executivo do Partido que mantém uma Comissão de cinco membros, escolhidos de entre os camaradas inscritos nas Juventudes, a fim de proceder à organização real do movimento das Juventudes portuguesas.

A Internacional Comunista apela para todos os comunistas portugueses, ao apoio do abandono de todas as tentativas de divisão, de futuro, ou trabalho prático para o desenvolvimento do movimento comunista em Portugal.

O delegado da I. C. A. Humbert Dros

José Pires Barreira, António Monteiro, José de Sousa, Castano Rodrigues Junil e Aurelio Guimarães, em suas declarações de voto, José Martins, em nome da Junta Nacional das Juventudes Comunistas, e em nome da mais uma declaração em que afirmam que o organismo que representa não aceita as decisões da I. C., declarando-se em franco rebeldia. Esta declaração é assinada por Armando Ramos, José Vitor de Sousa, Octavio Rodrigues Junior, António Monteiro, Pires Barreira e José Tomas Martins. A sessão é encerrada.

A questão agrária

Esta sessão tem lugar no Centro Socialista de Lisboa, no dia 19 de 21 horas. Preside João de Matos, tendo a presidência Neves Anacleto, da comuna Espinho, e Manuel Martins, da comuna de B. J.

Le-se um protesto de António Marques sobre as paragens da O. P. e outro de Pascoal Gonçalves e José Sebastião Trindade sobre a condenação de Luis Nicolau e Pedro Mateo. Aproximadamente.

Falando sobre a tese A questão agrária, Adriano José Neto diz que a

aprova da alma e coração porque ela vai carinhosamente, no animo de todos os trabalhadores do campo.

Santos Pecoagiro apresenta uma proposta para o aproveitamento máximo de todas as riquezas naturais tendentes à industrialização da agricultura.

António Rodrigues Graça diz sobre a necessidade dos trabalhos de irrigação que um governo de operários e camponeses não pode nem deve esquecer.

Agustino Miranda dá o seu voto à tese. Não é um técnico, é um observador. E vivendo no campo e entre camponeses sabe bem como estes pensam e o que querem. Por isso pode afirmar que a tese em discussão vai ao encontro das suas aspirações.

Neves Anacleto pede a eliminação do artigo 3.º, pois a entrega da terra ao camponês, em usufruto pessoal, não fará senão acirrar ainda mais o seu egoísmo individual, tão prejudicial à Revolução que propagamos. Toda a terra deve ser explorada pelo Estado. Os próprios factos históricos discordam da posse individual.

Colocarmo-nos contra as aspirações da classe rural e estrangularmos a Revolução e a nascença

J. Carlos Rates, assegura que Neves Anacleto interpreta a história dum modo curioso. Ter a terra ou não ter, eis a eterna luta dos que trabalham a terra por conta doutrem. A velha luta que em Roma viveu entre os plebeus e os patrões não tem um motivo mais profundo do que a posse da terra. Viscelino e os Gracchos morrem por defenderem a sua tomada pela plebe. E dois mil anos depois, durante a Revolução francesa, é a mesma luta que assistimos. É uma luta de todos os dias. O camponês tem o instinto da propriedade. Quer extinguir esse instinto, que tem raízes do século, é estabelecer a luta contra o impossível.

Não, os marxistas, não somos como os anarquistas que querem uma sociedade amoldada à sua imaginação. O nosso comunismo não brota da imaginação. Ele resulta do exame atento de todos os factos históricos. O comunismo não é viável só porque é mais justo. Ele seria mesmo impossível se o capitalismo não tivesse previamente criado as condições para a sua vitória. Para nós, que somos políticos, para nós que temos de jogar com realidades e não com fantasmas, porque somos revolucionários de realidades, preocupando-nos com aquilo que podemos realizar ou ver realizado, o espírito estreitamente individualista do camponês não pode ser ignorado. É um obstáculo com que tropeçamos e, como o não podemos arredar, lidamos-lhe. Temos de ver até em que melhor sentido podemos aproveitar esse egoísmo. Aniquilar e egoísmo do camponês? Mas quem osará cometer uma tal loucura? A população agrícola é bem maior entre nós que a população das cidades, que a população fabril. Colocarmo-nos contra as tendências e aspirações da classe rural é estrangularmos a Revolução e a nascença.

Não nos ludamos com possíveis medidas de fomento e com a consciência dos trabalhadores

Dez ao camponês e usufruto pessoal da terra não será de verdade gratificante e socialismo. Está certo. Mas entre dois males escolhe-se sempre o menor. Vale a pena sacrificarmos uma parcela do socialismo para se obter a solução do problema da maior produção. E não tenham dúvidas. Pela divisão das latifundias mal aproveitadas e entregues à cultura extensiva, obtemos rapidamente um aumento de produção agrícola. Porque nestas condições não é a camponês que exige a sua retribuição da jornada de trabalho. Ele esbarra-se lá por tirar da terra todo o que ela é suscetível de dar.

É preciso acabar com certas ideias. As possibilidades de fomento não são tão completas nem tão rápidas como se imagina. Não se trata de Alentejo como se trata uma horta nos subúrbios de Lisboa ou nas encostas de Lisboa, do Douro e das Beiras. Dos 2.500.000 hectares do nosso Alentejo, quando muito, 300.000 são suscetíveis de irrigação e com dispendiosas obras de fomento que levarão muitos anos a concluir e com um sacrifício de largos recursos. Há as máquinas. Mas não temos uma indústria metalúrgica que nos las possa fornecer, porque não fabricamos e ferro e aço que pedimos à indústria estrangeira. Se se não produzir a Revolução em países industriais, como a Alemanha,

não, nunca poderemos obter essas máquinas. E ainda mesmo a uma máquina soviética é preciso dar outros produtos em troca das máquinas. Além disso se em vez de confirmarmos os esforços e os recursos próprios, nos ficamos da possibilidade alheia. E' bom também não confiar numa consciência formada para o regime colectivo de trabalho, pois as experiências realizadas mostram resultados negativos.

O usufruto pessoal da terra não é um sistema geral e uniforme

De resto, quando se discute a questão agrária nacional é bom não esquecer que não existe apenas o Alentejo. O centro e o norte do país acumulam 1/3 da população portuguesa ocidental. E' lá que está a grande maioria da população camponesa, absolutamente alheia a toda a propaganda socialista de qualquer escola. Ali as condições climáticas e agrícolas criaram um tipo de propriedade inteiramente diferente. As pequenas propriedades contam-se por milhões, trabalhadas ou pelos proprietários ou pelos caseiros. Como resolver de ohrife este problema com uma orientação profundamente socialista? Quer-se porventura convencer-nos de que é possível arrancar o pequeno horto ao proprietário indigente e a fazenda do abastecido ao caseiro que a detem de muitos anos? Querem-nos indicar que é possível empacelar e unir todos esses bocados de terra que vão do Tejo ao Minho e torná-las propriedade colectiva, de facto, entregue a um sistema colectivo de trabalho?

Por outro lado, nós não pretendemos de modo algum que o usufruto pessoal da terra seja um sistema uniforme e geral. Seria fugir dum erro económico para cair noutro. Almo disse seria tirar ao Estado proletariano toda a possibilidade de criar a economia comunista da produção e do consumo. Há propriedades agrícolas que são verdadeiros modelos de cultura moderna e aperfeiçoada. São propriedades que constituem um todo homogêneo de exploração. Uma herdade com as suas adugas, os seus lagares, os seus celeiros, abegarias, maquinaria e alfaias, pegas e noras, silos e estrumeiras, habitações, etc., é um todo individual. As propriedades nestas condições devem ser adaptadas imediatamente a escolas agrícolas, a cooperativas, a explorações dos organismos locais de administração, a experiências parciais de gestão sindical, etc. E' pelo trabalho agrícola industrializado, é pelo cooperativismo, é pela concorrência da produção mais económica, que devemos combater e aniquilar o espírito estreitamente individualista do camponês. Pela violência só conseguiremos que ele nos mate de fome.

Este exemplo experimentaram no florestamento os nossos camaradas russos.

Aprova-se a tese A questão agrária e elego-se o Comité Central do Partido

Gregorio Alves d'Abreu diz que a tese demandada a sup-rcício de 12 000 hectares que as organizações locais de camponês reservam para usufruto colectivo.

J. Carlos Rates diz que é preciso sup-rcir uma reorganização dos camponês. Há camponês como Espinho que não tem mais que 200 hectares. E mesmo a maioria dos camponês nos distritos de Aveiro, Braga, Porto, Viana do Castelo e Viseu pouco mais tem. Em compensação nos distritos do centro e sul do país com os solos há camponês com mais de 1.000.000 de hectares. Não se esqueça que isolamos para o usufruto das organizações locais as matas e florestas e as propriedades agrárias que constituem um todo de exploração. Evidentemente, o Estado proletariano reservará para si as terras indispensáveis aos fins de sua política comunista. De resto, na tese demonstramos que, satisfazendo as aspirações dos camponeses, a terra sobra.

Joachim Cardoso defende os interesses do pequeno proprietário agrícola. Qua este não possa sup-rcir a terra que lhe vão tirar o seu núcleo de terra e o coveiro do curado.

Manoel Ferreira Quartel faz uma longa e elucidativa exposição das experiências de trabalho e gestão colectiva que tentou em Coruche. Ele conseguiu a ordenação de 600 hectares de terra. A cooperativa da qual era director iniciou a exploração. Tais experiências de salários e de repouso estabeleceram para si os participantes da cooperativa que o trigo produzido ficou três vezes mais barato do que o trigo produzido pelos lavradores. Eis

partes de defesa da doutrina de tese parte que concede o usufruto pessoal. Nestas condições ele, o camponês, trabalhará a terra sem necessidade de socorros estrangeiros.

Teixeira Dantas expõe as condições do trabalho agrícola no norte do país, citando as várias tradições comunitárias do Barroso e outras regiões. O congresso ouve com muito interesse esta exposição.

Francisco José Chagas e Manuel Martins expõem as condições de cultura do sul.

Em seguida foram as conclusões das teses aprovadas com a redacção primitiva.

Procedeu-se à distribuição de listas para a eleição do Comité Central.

Feito o scrutinio verificou-se a entrada de 71 listas na urna, sendo alicitos:

J. Carlos Rates, 70 votos; Francisco Rodrigues Loureiro, 68 votos; Gracilo Ramos, 68 votos; António Rodrigues Graça, 64 votos; Alberto Monteiro, 63 votos; Manuel Martins, 63 votos; Salvaterra Junior, 67 votos; Raal Lavado, 60 votos.

João Nascimento Cunha propõe uma mudança ao Centro Socialista de Lisboa. Aprovada.

José Luis Cardoso, propõe que as teses, com as emendas que sofreram, sejam publicadas em folheto. Aprovado.

Arnaldo Teixeira, propõe uma mudança ao jornal A Batalha. Aprovado.

Abel Pereira, pelo Comité central; J. Carlos Rates, pelo Comité eleito e Julio de Matos, presidente da mesa, fazem os discursos de encerramento.

Uma bela festa

Na Amadora realizou-se um jantar de homenagem ao delegado da I. C. e de confraternização operária.

O jantar de homenagem ao delegado da I. C. e de confraternização entre comunistas e partidários da I. S. V. foi um belo coramento de ogressa partidária. A festa excedeu toda a expectativa. João Nascimento Cunha e os seus auxiliares Julio Luis, Manuel Pedroso e Antonio Augusto, são credores de todo o reconhecimento dos comunistas.

O jantar realizou-se numa casa cedida pelo velho revolucionário Sr. Amilido dos Santos.

Na mesa de honra sentou-se ao centro Humbert Dros, tendo à sua direita J. Carlos Rates, do Partido Comunista e Sá Viana e Augusto Machado, da minoria sindicalista e à esquerda, João Pedro dos Santos, redator principal de A Internacional e Sobral de Campos e Nascimento Cunha, do Partido Comunista.

O jantar foi jenuinamente à portuguesa.

O celebre guitarrista Armandinho e Georgino de Sousa, deliciaram o auditorio executando variações de fados e outros numer- de musica.

No final Sobral de Campos, pelo Partido Comunista e Sá Viana, pela minoria sindicalista, saudaram, em frances, o delegado da I. C.

Humbert Dros pronunciou um breve mas empolgante discurso, felicitando-se por ter a união existente entre sindicalistas e comunistas e agradecimento as homenagens de era vivo.

Finde o seu discurso a assistência, de pé, em nome da Internacional e Humbert Dros, canta também, abraçando J. Carlos Rates e João Pedro dos Santos.

Foi uma bela hora que se viveu. Ao jantar assistiram 62 convivas, sendo por fim a sala invadida por numerosas pessoas que desejavam saudar e ouvir o delegado da I. C.

Comitê Pré-pressos

Este Comité que tem reunião ordinariamente todas as semanas, constituiu-se por recebido até à data 485530.

Foi já conhecido por deliberação do C. C. um auxílio de 40000 a dois camaradas e foi recebido também, sobejando imediatamente os presos Raal Honorio e Joaquim José Pereira, a começar na primeira semana de Dezembro.

Tendo-se ponderado a circunstância de não haver presos por questões sociais ligados ao P. C. foi resolvida a dissolução do Comité.

N. LENINS

Os comunistas e os camponeses

Progo 1880—Pelo correio 1880

Podidos a Mario Correia da Silva, rua de Coude das Antas, 51.

Na Federação Comunal de Lisboa

Foi uma bela afirmação de princípios comunistas a sessão realizada no domingo 26 de novembro nas salas da Federação Comunal.

Depois de camarada Manuel de Azevedo tomar a presidência, foi ouvido o jovem camarada Arnaldo Teixeira e Julio Azevedo para se inscreverem.

Tomou a palavra o camarada Abel Pereira que, num vibrante discurso cheio de verdadeiras ideias, contou um longo e vivo episódio das horas finais de dadas para vir a desfilar no lado de todos aqueles que trabalham para a emancipação dos trabalhadores. Entrando no assunto que ali e levava, disse que era absolutamente indispensável que o P. C. se tornasse consciente de todos os problemas que se lhe apresentavam.

Reafirmou as resoluções da Associação Internacional dos Trabalhadores, disse que a todos os comunistas merecia crítica pelo que vem dizer os anarcho-sindicalistas que os comunistas querem exercer o mesmo papel que os social-democratas exercem no Alentejo. Não! O papel dos comunistas é estruturadamente revolucionário e não se trata de partidos burgueses como fazem os social-democratas.

Seguidamente tomou a palavra o camarada Carlos do Aranjó. Dis que não o preocupam as questões pessoais mas sim as questões das ideias avançadas. Lamenta que houvesse criado as condições para a realização do espírito dentro do Congresso do P. C. Essas condições não as temos que, sem querer acabar com o P. C. Explica que o P. C. é uma secção da I. C. não querendo dizer com isto que os congressos não tiveram a liberdade de fazer emendas às teses do comitê da I. C. estudar e resolver sobre o assunto.

Dis que o proletariado não viveu a classe operária e desejo de se emancipar da crítica da burguesia. Constatou que na maioria das fábricas na Itália, algumas camaradas ainda tinham a ilusão de que tomaram as fábricas e a administração do proletariado. Lisboa! Pela causa proletária e falu miseravelmente. Não é só com a tomada das fábricas (como os sindicalistas querem) que o proletariado faz a sua emancipação! Não julgamos que é com a tomada do poder e de toda a organização dos governos comunistas. O revolucionário não se trata de outros dois tipos a burguesia almeja e a burguesia francesa. Os social-democratas estão dando todos as facilidades aos fascistas para se armarem e tentarem furilar os operários e matem-nos nas prisões. Na Alemanha e P. C. estava na principal causa do triunfo dos alemães, comendo hoje com a maior força organizada da Alemanha e tanto assim que o P. C. supõe ter a força suficiente para fazer a revolução.

Na Cooperativa dos Fúrricos de Aldega

Fortemente e unanimemente esta cooperativa realizou-se, no dia 27 de novembro, uma sessão comemorativa a que presidiu António Gonçalves Formoso.

Abel Pereira fez uma bela exposição das funções do cooperativismo e explicou as considerações sobre o critério dos comunistas quanto à resolução do problema agrário. Carlos do Aranjó, que se seguiu, analisou as relações entre a organização operária e o Partido Comunista, concluindo a necessidade de uma congregação de esforços.

Francisco Pedro Marques pretendeu contestar as afirmações dos oradores anteriores que voltando a falar defenderam as ideias e objetivos do Partido Comunista.

Na Sociedade de Recreio do Quejós

No aprazível lugar de Quejós, praças de Barcarena, realizou-se no dia 8 de dezembro, uma sessão comemorativa da passagem de 5.º aniversário da Academia Municipal 1.º de Dezembro, para a qual foram convidados representantes do P. C. a fazer uso da palavra.

Reberta a sessão, usou da palavra o camarada Ferreira Quartel que se refere especialmente à situação dos trabalhadores rurais no presente e indica a obra que devem realizar na próxima Revolução Proletária, aconselhando-se a que intensifiquem o desenvolvimento dos seus comitês e criem os organismos de resistência da classe.

Seguiu-se Carlos do Aranjó, que principia o seu discurso por saudar o povo da localidade e o organismo em festa, fazendo a história das sociedades de recreio, o papel que lhes está destinado para com a classe operária e o facto de que os comitês de recreio são um grande papel educativo e realizador entre os trabalhadores, isso é não basta, é preciso mais: os trabalhadores para fazer face às maquinarias da burguesia e para derrubar a sociedade capitalista precisam de adquirir uma mentalidade revolucionária e de se tornarem conscientes dos organismos revolucionários da classe trabalhadora que se há-de constituir à sua emancipação.

A seguir deu-se um longo traço a situação dos trabalhadores em toda a Europa, explicou a todos as tiradas, enquanto que os nomes livres de Lisboa acabaram aprovando a tese de que os comitês de recreio são um grande papel educativo e realizador entre os trabalhadores, isso é não basta, é preciso mais: os trabalhadores para fazer face às maquinarias da burguesia e para derrubar a sociedade capitalista precisam de adquirir uma mentalidade revolucionária e de se tornarem conscientes dos organismos revolucionários da classe trabalhadora que se há-de constituir à sua emancipação.

Em seguida tomou a palavra o camarada de Sá e Sáez realizou-se no domingo 26, uma sessão de propaganda comunista.

Participaram nesta sessão os camaradas Abel Pereira e Carlos do Aranjó.

A sessão, embora com o mais vivo entusiasmo as afirmações dos oradores comunistas que discursaram durante os próximos minutos.

No próximo domingo 16, celebrará por Sobral de Campos, na Federação Comunal de Lisboa.

No domingo 23, sessão de propaganda em Alentejo em que usará do palavra Julio Quintana e José Solano, Carlos do Aranjó e Alberto Monteiro.